

CAXIAS E O RISCO CALCULADO

Cap Inf

FILADELFO REIS DAMASCENO

(Aluno da ECEME)

Os grandes capitães da História tiveram de correr o risco calculado em certos momentos de suas campanhas. Todos eles viveram instantes dramáticos em que abdicaram da Segurança recomendada pelo bom-senso, em favor da Surpresa ou da audácia. O Comandante vive, nessas ocasiões, um dilema psicológico angustiante, tanto maior quanto fôr a sua capacidade profissional e o conhecimento do ônus a pagar por sua decisão, se fôr mal sucedido.

CAXIAS, guerreiro provado em múltiplos confrontos, não fugiu a regra. Em inúmeros lances de sua brilhante carreira, aceitou o risco calculado como uma contingência própria da guerra e enfrentou-o sempre com desassombro. No presente trabalho, alinharemos alguns desses episódios, caracterizando-os de modo muito sintético. Veremos, então, que o brioso militar jamais vacilou em tomar uma dessas difíceis decisões e, quando o fez, fê-lo perfeitamente cônsco de suas drásticas conseqüências. O risco calculado define quase sempre a têmpera moral de um chefe e jamais é fruto de um arrebatamento emocional. No caso em estudo, notamos, nas decisões de CAXIAS por nós analisadas, a ausência de improvisação e, ao revés, uma apreciação criteriosa dos prós e contras antes de fazer a arrojada opção.

Durante a campanha da CISPLATINA, LUIS ALVES dá-nos um exemplo admirável de risco calculado. Havia um lanchão pirata que durante o dia atacava os navios nacionais e, à noite, procurava refúgio no ARROIO DO PANDO. Passemos agora a palavra a um dos biógrafos do grande General e que nos conta com precisão o extraordinário acontecimento:

“Operando para além das linhas inimigas e sob a cobertura eficaz das baterias dessas mesmas linhas, não poderia ser atingido senão por forças que se aproximassem o suficiente. E a esquadra andava demasiado ocupada em tarefas de maior significado para que pudesse destacar contra êle um navio capaz de obstar-lhe as ações corsárias. Esse o problema. Lima e Silva avoca a tarefa de solucioná-lo. Toma o comando de uma guerrilha montada, sob a proteção de uma companhia de caçadores. Ao abrigo da noite infiltra

seus homens por entre os sitiantes, recompõe a tropa para além das linhas adversárias, encontra o lanchão, organiza o ataque e o desfecho com tamanha rapidez e debaixo de tal surpresa que o barco e a inteira tripulação de 50 homens caem em seu poder. Entra victorioso em águas brasileiras e transforma o aborrecimento em motivo de orgulho".(1)

No MARANHÃO, ao reprimir o movimento balaio, CAXIAS toma outra decisão não menos ousada. Contrariando as normas e opiniões até então vigentes concedeu anistia aos rebeldes que se mostrassem arrendidos e, foi mais além, incorporou os melhores às suas tropas e autorizou aos demais a combater os antigos comparsas. Resolvia, assim, dois problemas a um só tempo: Aumentava os seus efetivos, então desfalcados, em detrimento das fileiras dos rebeldes.

Em 1842, no combate a Revolução de SÃO PAULO, LUIS ALVES investe contra os revoltosos com um efetivo insignificante, os "400 cadáveres ambulantes" na opinião de Antonio Carlos. Outro chefe menos cioso de sua responsabilidade teria alegado insuficiência de recursos face o vulto da empresa. Para CAXIAS as dificuldades constituíram motivo de estímulo. A rapidez e eficiência das ações empreendidas contra Campiñas e a capital responderam por uma fulminante vitória, apesar da precariedade de meios com que contou o notável soldado.

A sedição de BARBACENA, no mesmo ano, proporciona-lhe ensejo de realizar um "raid" espetacular sobre OURO PRETO. CAXIAS realiza marchas forçadas e obtém um recorde sensacional: enquanto o Governador ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO gastou 17 dias, de MINAS GERAIS ao RIO, para combater o corsário francês DUGUAY TROUIN, o nosso Patrono fez o mesmo percurso, em sentido contrário, subindo a serra, em apenas 11 dias! Mesmo reconhecendo que o seu ato fôra uma temeridade, êle declara, eufórico, em carta a JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, Ministro da Guerra:

"Passel entre dois mil rebeldes e entrel nesta capital sem ser incomodado por êles, consequência das forçadissimas marchas que fiz: pois que, quando os mesmo rebeldes me julgavam ainda em QUELUZ e projetavam atacar a cidade eu me achava nos seus subúrbios".

O combate de SANTA LUZIA é outro exemplo de risco calculado aceito pelo "grande herói tranqüillo". Atacado por inimigo entrenchado em ótima posição e com o flanco direito apolado num rio obstáculo, CAXIAS engaja-se na peleja. A coluna comandada por seu irmão, o Cel JOSÉ JOAQUIM DE LIMA, somente deveria incor-

porar-se ao seu exército no dia seguinte, segundo o plano concertado. Após desalojar os insurretos da primeira posição, à custa de tremendos sacrifícios, êle percebe que as suas forças exaustas e inferiorizadas em número estavam a um passo da derrota. Do mesmo modo que Napoleão em Waterloo dependia da chegada de GROUCHY assim êle também olhava aflito para o horizonte na esperança de ver chegar seu irmão. Súbito, convenceu-se de que não receberia o reforço tão desejado e compreendeu que, por menosprezar o inimigo e aceitar o combate, ia ser batido por partes. Quando mais crítica era a situação, todavia, eis que chega o Cel JOSÉ JOAQUIM que, tendo ouvido o troar da artilharia, encaminhou-se para o campo de batalha a tempo de transformar uma derrota iminente em estupendo triunfo.

O próprio LUIS ALVES admitiria depois, em carta a JOSÉ CLEMENTE PEREIRA, que arriscara demasiado naquela jornada: "Flque V. Excia. certo, quer me creia, quer não, de que estive em grandes apuros, pois tive de me bater, desde às 8 1/2 da manhã até às 3 da tarde, com 3.000 rebeldes bem armados e desesperados, dispondo eu apenas de 800 caçadores, quase todos recrutas da Guarda Nacional de MAGÉ, e, se, às 3 horas da tarde, não chega meu irmão JOSÉ, com o 8º Batalhão de 1ª Linha e um outro Batalhão Provisório, não teria remédio".

A GUERRA DOS FARRAPOS deu-lhe oportunidades para novas audácias. Logo no início de seu comando viu-se em dificuldades para conduzir para perto de sua tropa uma cavahada que comprara no interior. Ou enviava uma pequena escolta com o risco de ser desbaratada pelo inimigo ou remetia uma força poderosa desfalcando a guarda de regiões importantes. Caxias decidiu-se pela primeira linha de ação cercada de algumas precauções. Fazendo propalar o boato de que dividiria o exército em duas colunas, para atuar ao longo das fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo, atraiu NETO e CANABARRO para essas regiões e o seu caminho ficou completamente livre. Ilustre escritor militar narra dêsse modo o acontecimento: "CAXIAS começou a executar seu plano a 11 de janeiro de 1843, de modo espetacular, transpondo o SÃO GONÇALO com uma coluna de 1.800 homens e conduzindo 5.000 cavalos, a fim de reunir-se ao grosso, então na região de CACHOEIRA. Iludiu a vigilância dos Farrapos, e num risco calculado, escoou-se entre a serra de TAPES e a margem esquerda da LAGOA DOS PATOS, reunindo-se ao grosso a 11 de fevereiro, em segurança". (2)

Na mesma Revolução Farroupilha, CAXIAS toma uma decisão que poderia comprometer o êxito da campanha. Convoca para servir sob suas ordens ex-chefes rebeldes e, o que é mais incompreensível ainda, entrega o comando da principal coluna de seu exército ao inconstante BENTO MANOEL RIBEIRO. O valoroso líder guerrilheiro pertencera por duas vèzes aos rebeldes e militava agora, pela

segunda oportunidade, entre os imperiais. Apesar dos seus antecedentes CAXIAS prestigia-o e dá tratamento igual ao de CHICO PEDRO, o futuro herói das 'califórnicas'. A coragem de LUIS ALVES foi amplamente recompensada pelas vitórias significativas que ambos lhe proporcionaram: BENTO MANOEL é o vencedor de PONCHE VERDE e o famoso "MORINGUE" triunfa em PORONGOS.

O fato seguinte, ocorrido na guerra contra ROSAS, em 1852, é assim descrito pela pena precisa de BORMAN:

"Um dia, mete-se com o Almirante GRENFELL a bordo do vapor "AFONSO"; singra para o pôrto de BUENOS AIRES, onde penetra à vista da esquadra inimiga e navios de guerra estrangeiros; manda fundear nas vizinhanças de PALERMO, residencial do feroz ditador ROSAS, e aí se conserva mais de 5 horas, empregadas em sondar o ancoradouro, ante a admiração dos estrangeiros e o terror do inimigo, por semelhante ato de ousadia".

O fato acima exposto é muito significativo e dispensa qualquer comentário a respeito.

Coroando a sua esplêndida atuação militar encontramos na GUERRA DO PARAGUAI dois episódios marcantes em que está caracterizado o emprêgo do Risco Calculado pelo Marquês de Caxias. O primeiro dêles de ordem estratégica não é senão a genial concepção conhecida como "MANOBRA DO PIQUICIRI" e o segundo de caráter tático e parte componente do primeiro, é o lance épico de ITORORÓ. Para focalizar os dois eventos vamos nos valer de dois distintos companheiros que os analisaram magistralmente:

"Não só na repartição das forças, mas principalmente na combinação de direções e atitudes e ritmo da manobra — inclusive na região de desembarque ao N do PIQUICIRI, que poderia ter sido VILLETA, IPANÉ ou SANTO ANTONIO, decidindo-se CAXIAS pela mais afastada — os movimentos para a Batalha do Piquiciri se configuram como autêntico RISCO CALCULADO. Foi uma cartada decisiva a que o Cmt-Chefe lançou-se; quando condicionou o êxito da marcha de flanco a uma estrada a ser construída em menos de um mês e que só poderia ser utilizada durante o mês de novembro, pois em dezembro ficaria submersa; portanto, sob a "ameaça tenebrosa de ver o Exército tragado pela cheia do rio PARAGUAI". Quando afastou-se de sua base de operações e foi colocar o grosso de suas forças entre o Exército inimigo e seu centro vital, cortando-lhe as linhas de transportes, de início. Finalmente, quando lançou-se heróicamente pela ponte de ITORORÓ para vencer o inimigo num combate frontal quando a ação de flanco se tornava duvidosa."(3)

Pela apreciação acima feita verificamos que CAXIAS aceitou inúmeros riscos calculados ao mesmo tempo para realizar a sua "elegante manobra".

Finalmente, em ITORORÓ, ante o retardo da coluna comandada por OSÓRIO e a resistência ferrenha oposta pelos paraguaios, resolve lançar-se à frente de seus bravos exclamando: "SIGAM-ME OS BOMBAZEIROS FOREM BRASILEIROS!" O fato é por demais notório para dispensar maiores descrições, mas, o que tem suscitado especulações é a razão que teria levado o Cmt-Chefe a encabeçar o assalto noturno. Concordamos, in totum, com as conclusões do Ten Cel JONAS CORREIA NETO, em seu magnífico estudo intitulado "Caxias em ITORORÓ", do qual extraímos alguns trechos para fundamentar a nossa tese. Caxias somou e subtraiu os argumentos com um golpe de vista. Deu o seu golpe moral, — e venceu. Vencemos". Em outro local, afirma com exatidão: "Sòmente aos predestinados é dado agir, sob determinadas pressões, como CAXIAS agiu, arriscando a vida num gesto dèsses que a posteridade reverencia para sempre, entre espantada e maravilhada". Após demonstrar cabalmente que a decisão de LUIS ALVES foi fruto de maduro refletir e perfeitamente coerente com os princípios da arte militar, acentua: "CAXIAS não cometeu um grave erro, e nem agiu movido por um mero sentimento de dignidade nacional. Esta estêve sempre presente nos seus atos (e a sua longa vida é tóda uma prova) — mas nunca o induziu a precipitações inócuas ou injustificáveis".(4)

Vimos, assim, que o gesto heróico de ITORORÓ enquadra-se sob medida no que conceituamos como Risco Calculado, uma decisão audaz preferida, a despeito dos graves prejuizos decorrentes em caso de insucesso. No lance focalizado, a derrota seria duplamente desastrosa, pois, além do pânico que se seguiria, traria reflexos negativos duradouros no moral de nossas destemidas forças.

Observamos a adoção do Risco Calculado por CAXIAS no decurso de sua agitada e vitoriosa carreira militar. A grande lição a extrair, em primeiro lugar, é a transformação de situações críticas em oportunos triunfos. Julgamos que a explicação para isso encontra-se, antes de tudo, no imprevisto da linha de ação adotada, que causa perplexidade ao inimigo. Geralmente o Risco Calculado não figura entre as "possibilidades do inimigo" pois foi posto de lado como inexequível. Apesar disso, observamos que CAXIAS ponderava todos os fatores da decisão e analisava-os com cuidado. Mesmo em ITORORÓ, em plena conduta de combate, sentimos essa apreciação sumária embora antes de aceitar o desafio da situação e arrojar-se na contenda.

Devemos acrescentar que não pretendemos ofuscar o valor da bravura inerente a tais atitudes. A audácia física e moral são intrínsecas ao Risco Calculado, que exige, além delas, uma apreciação criteriosa e realística da situação e o domínio da própria impulsividade.

CAXIAS, soldado completo, legou-nos preciosos e inúmeros exemplos de arrôjo, coragem, bravura e, também, para felicidade nossa,

de Risco Calculado. Ele nos mostrou que, quando julgarmos imprescindível aceitar o último e visualizarmos uma possibilidade de êxito, por mínima que seja, devemos fazê-lo com desassombro.

BIBLIOGRAFIA

- (1) "OS GUERREIROS" — Hernani Donato.
- (2) "CAXIAS E UMA OPERAÇÃO ANTIGUERRILHA" — Francisco Ruas Santos in "A Defesa Nacional" de Ago/57.
- (3) "CAXIAS E NOSSA DOUTRINA MILITAR" — Amerino Raposo Filho.
- (4) "CAXIAS EM ITORORÓ" — Jonas Correia Neto em "Revista do Clube Militar".

A DEFESA NACIONAL

ASSINATURAS

Qualquer pessoa categorizada ou entidade civil pode tomar assinatura desta Revista, que se sentirá prestigiada com isto.

Para fazê-lo, bastará comunicar-se com a Secretaria da Revista, indicando nome e endereço (para remessa) e enviando cheque ou vale postal correspondente à assinatura desejada (anual — NCr\$ 3,00).